

CAPÍTULO 1

— Onde estão os rapazes? — perguntou Vikas Khurana.

Estava no apartamento com a mulher. O sol punha-se, untando de luz as árvores no exterior. Os Khuranas viviam — circunstância invulgar para um casal de Deli de classe média-alta no fim do século vinte — num complexo que pertencia à família, ainda que este complexo, que abrangia cerca de dois quilómetros quadrados de Maharani Bagh, fosse coletivo apenas na designação: os três edifícios tinham sido divididos em seis apartamentos e a cozinha comum, antes frequentada pelos avós, fora convertida num espaço formal, reaberto apenas para ocasiões comunitárias, como o Diwali ou o Rakhi. Os membros da família viam-se com tanta frequência como as outras pessoas que vivem em complexos habitacionais.

Quando Deepa lhe respondeu como ele esperava — provavelmente estavam presos no trânsito —, Vikas olhou da janela do primeiro andar, pelas pregas e ranhuras cheias de pó, em busca de sinais de vida. Nada. Na rua, via só alguns empregados nepaleses com termos de leite, o pó rodopiando em torno do cabelo cortado à escovinha na forma de nuvens de mosquitos e, mais perto, uns poucos pombos sacudindo pó das asas, as tonalidades do pescoço — verdes, magentas, amarelas — destacando-se com um brilho cortante.

— A cada ano que passa, os mosquitos chegam mais cedo — comentou Vikas. — Parece que o filho da Vibha tem malária.

— Isso acontece porque o Yamuna não tem oxigénio — retorquiu Deepa. Decorava um bolo na mesa de jantar com um cone de papel de que gotejava uma cobertura branca. Pasteleira talentosa, fazia

bolos para festas de aniversário e convívios de mulheres de modo a angariar dinheiro extra.

Vikas vestiu uns calções e saiu para dar um passeio. Ficava irrequieto esperando pelos rapazes, que tinham saído já há algum tempo num *tuk-tuk* com Mansoor, um colega do críquete. Depois de deixarem Mansoor em South Ex, passariam no mercado de Lajpat Nagar para trazerem a televisão, em destaque na mesa de trabalho do electricista depois de se ter formado uma misteriosa faixa verde no ecrã. A televisão já estava pronta há vários dias, mas só hoje Vikas se preocupara com isso, por causa de um jogo de críquete noturno entre a África do Sul e a Austrália.

Como era realizador de cinema independente, não tinha horários fixos; se quisesse, podia organizar o dia em função dos jogos de críquete.

Era um pouco cedo para um passeio. A maior parte dos caminhantes habituais estava em casa ou a trabalhar; o sol calcinava as estradas apesar de as açocas, as amargoseiras e as árvores-dos-baneanes taparem o céu de ambos os lados; o som do trânsito na estrada de Mathura sugeria velocidade e impaciência, as buzinas descendo a avenida como dardos lançados por fantasmas.

Vikas caminhava com ar pensativo, desconfortavelmente, incomodado pelas circunstâncias inusitadas e pela sua própria disposição. Contudo, não tardou a regularizar o ritmo, dando voltas em torno do parque onde os rapazes costumavam brincar ao fim do dia. Foi ali, na esquina daquele parque, perto de um pequeno templo adjacente a uma lixeira, que outro caminhante, o Sr. Monga, veio ter com ele.

— Já sabe? Houve uma explosão no mercado de Lajpat Nagar — disse Monga, dirigindo-se a Vikas, mas percorrendo com os olhos a rua sossegada em busca de outros transeuntes, com os olhos cheios de entusiasmo e vontade de coscuvilhar. — Porquê agora, neste mês tão quente, não sei — acrescentou, lançando outro olhar para a avenida e remexendo os ombros, que pareciam deformados debaixo do polo branco de algodão. — Pode ser por causa das eleições. — O BJP¹, partido hindu nacionalista, fora o vencedor seis dias antes, com uma maioria segura.

Vikas só queria saber quando aquilo tinha acontecido.

— Foi mesmo agora, amigo. Fiquei a saber porque a minha mulher foi ao Bon-Ton e como regressou por Ashram, onde o trânsito estava impossível, perguntou o que se passava a um funcionário dos transportes públicos.

O resto desenrolou-se a grande velocidade. Desatando a correr depois de chegar à periferia do parque, Vikas acelerou pelas avenidas abaixo, reparando, enquanto corria, nas falhas horríveis nos passeios, nas inclinações e irregularidades dos ladrilhos cheios de bolhas, e entrou no carro para regressar a casa. Não contou nada à mulher — ela estava ocupada no andar de cima com uma encomenda para umas bodas de prata e ele não queria assustá-la. Contudo, como não tinha partilhado os receios nem com a mulher nem com o Sr. Monga, de quem se livrara com uma desculpa, sentia-se mais agitado do que sentiria se tivesse falado sobre isso.

Estranhamente, enquanto conduzia, pensava não nos *seus* filhos mas em Mansoor Ahmed, o amigo deles, que tinha a idade de Tushar, o mais velho. Se alguma coisa acontecesse a Mansoor, se ele morresse quando Vikas devia estar a tomar conta dele, ele nunca mais conseguiria esquecer — os Ahmeds tinham tido Mansoor depois de sete anos de infertilidade e protegiam-no paranoicamente, só o deixando sair para visitar os Khuranas, que colocavam entre os melhores amigos (entre os quais eram os únicos hindus).

Por esta razão, Vikas sentia uma ligação forte com o rapaz — mais forte, às vezes, do que aquela que tinha com os próprios filhos; valorizava a inteligência e a sensibilidade de Mansoor, achava que era mais recetivo às artes e ao que ouvia, e usava-o como instrumento para envergonhar os filhos (no que tocava à família, Vikas sempre fora impiedoso). Quando Mansoor aparecia, tentava proporcionar-lhe um pouco da liberdade que os pais lhe negavam. Tinha sido sua a ideia de ele ir com os rapazes, em vez de o próprio Vikas o levar a casa.

Monga tinha razão, apesar de tudo — o trânsito estava infernal; quase sem gasolina, o carro avançava aos solavancos através das ruas na hora de ponta, com a agulha do medidor de combustível a tremer.

— Merda, merda, merda — resmungou Vikas, o pânico no coração deslocado pelo ritmo imperturbável do trânsito.

*

Os rapazes tinham saído juntos de *tuk-tuk*, depois de mandarem parar um na estrada de Mathura, apesar de o empregado que os acompanhava lhes dizer:

— Não façam isso! A vossa mãe vai repreender-vos!

— Eu é que te vou repreender *a ti* — retorquiu Tushar, com a energia transbordante que habitualmente sentia ao fim do dia; não se podia dizer que a ferocidade das buzinas e do trânsito e a efervescência cansada da cidade ajudassem.

Mas quando os rapazes entraram no *tuk-tuk*, ficando com as pequenas pernas castanhas lado a lado, assumiram a atitude calma e séria que atribuíam aos passageiros desse meio de transporte. Observavam o trânsito pelos lados abertos do veículo e de vez em quando chamavam a atenção um do outro para carros mais caros.

— Será que o novo modelo do Rover Montego já saiu? — perguntou Nakul, o mais novo.

— São fabricados em Oxford — respondeu Tushar.

— Podem dizer-me por favor para onde vão? — perguntou o condutor, que cheirava a álcool.

— Vamos primeiro ao mercado de Lajpat Nagar — respondeu Tushar. — Não faz mal, pois não? — perguntou, virando-se para Mansoor.

Mansoor sorriu. Sabia que tinha ficado combinado que o deixariam primeiro em casa, mas gostava de obedecer aos rebeldes para poder quebrar as regras sem ser responsabilizado por isso.

Aos doze anos, Mansoor tinha um sorriso cativante e encantador, mostrando uns dentes tortos que nunca seriam arrançados.

Alguns minutos mais tarde, os rapazes passeavam juntos pelo mercado. Tushar brincava com Mansoor, dando-lhe pancadas nas costas, e Nakul ostentava dignidade, penteando e moldando o cabelo com os dedos, como se sintonizasse um aparelho de rádio.

— Foi nesta loja que mandámos emoldurar a fotografia que tirámos no feriado — comentou Nakul. — Comprámos uns jogos na loja de trás.

— Aqui têm uns tacos de salgueiro-inglês excelentes — observou Tushar, apesar de ser um péssimo jogador de críquete. — O Sidhu costuma comprar aqui os dele.

Mansoor, pouco habituado a sair sozinho, absorvia as imagens e os sons. As multidões eram constituídas por um tipo particular de habitante de Deli que ele reconheceu imediatamente. Ligeiramente subnutrido, usava roupas de poliéster garridas, bigode preto, gostava de brincos de tarraxa, trazia calças demasiado puxadas para cima na cintura, deixava os dedos passearem pelo nariz, as mãos faziam gestos ligeiramente desengonçados e afetados e tinha um rosto cínico e pouco inteligente que nunca pareceria sério (as mulheres tinham o mesmo aspeto, mas com bigodes menos espessos e saris florais baratos.)

— Aonde vamos? — perguntava Mansoor quando uma explosão rasgou a frase em duas e lhe devolveu metade à boca.

Mais tarde, toda a gente afirmou ter visto uma estrela branca incandescente e ter ouvido um grande silêncio antes de os gritos começarem, como se, mesmo numa situação de dor, as pessoas precisassem de olhar umas para as outras para saberem como haviam de reagir.

Quando Mansoor recuperou a consciência, o mercado estava em chamas. Havia pessoas no chão, em posições de repouso. Mães curvavam-se em sangue sobre as filhas; empregados de escritório estavam deitados de costas com as pastas em chamas ao lado; e os funcionários das lojas rastejavam, apoiados nos cotovelos, enquanto alguns carros ardiam a um palmo da sua cara. Através de um rasgão na *kurta*² de uma mulher, Mansoor entreviu pela primeira vez um seio. O seu próprio pulso sangrava mas longinquamente, como algo oculto noutro ponto do mercado.

As pessoas começaram a passar por cima dos cadáveres com o ar culpado de ladrões, de cabelo despenteado e elétrico e com os rostos sujos. Mansoor, erguendo-se também, viu Tushar deitado no chão olhando para o céu, de lábios húmidos e entreabertos, com o cabelo encaracolado cheio de areia ou outra substância esbranquiçada proveniente de alguma parede rebentada. Nakul estava ao lado, tapando o rosto com uma mão, como um trabalhador dormitando ao sol.

— Tushar! Nakul! — Não ouvia a própria voz. Mas quando ras-tejou até eles para os sacudir, uma dor aguda deflagrou-lhe na mão